Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS
Vol. 17 Nº 34, Jan - Jun de 2025
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Sapere Aude o avesso do Turismo-Trama em becos e vielas do ecossistema Favela

Sapere Aude el reverso del Turismo-Trama en los callejones y callejones del ecosistema de las favelas

Renan de Lima da Silva[*]
Maria Luiza Cardinale Baptista[**]

Resumo: O presente texto tem caráter ensaístico, de visão holística em associação ao ecossistema Favela entre Becos e Vielas como metáfora de apresentação da proposição afirmativa de que a Favela viaja. O objetivo deste texto é apresentar o avesso do turismo-trama. a partir da metáfora de Becos e Vielas de Favelas do Rio de Janeiro. Em termos teóricos essa visão remete ao conceito de Turismo-Trama, de Baptista (2015) e à sua proposição de Avesso do Turismo (2021), em associação à expressão *Sapere Aude*, que significa literalmente Atreva-te a Conhecer. Metodologicamente, trabalha-se com o pressuposto de viagem investigativa, em associação às duas estratégias metodológicas: Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, com foco nas narrativas para contar aproximações com a pesquisa. Os resultados remetem a reflexões 'atrevidas', que percorrem Becos e Vielas, sinalizando aspectos complexos do Turismo, na trama ecossistêmica das Favelas do Rio de Janeiro. A reflexão dos traços de especularidade, ajuda a reconhecer uma Ecologia dos Saberes, (SANTOS, 2010) desde a episteme Favela como uma epistemologia do sul, (SANTOS; MENESES, 2010), que tem no Turismo a potência da (auto)transpoiese, (BAPTISTA, 2022) dos sujeitos do ecossistema.

Palavras-chave: Turismo-Trama; Favela; Sapere Aude; Ecossistemas; Becos e Vielas.

[*] Pós-doutorando e Doutor em Turismo e Hospitalidade no Programa de Pós-Graduação de Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduado em Gestão de Turismo pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

[**] Doutora em Ciências, pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura do Amazonas (PPGSCA-UFAM). Mestre em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP (1995). Jornalista Profissional, graduada em Jornalismo Gráfico e Audiovisual, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade - Mestrado e Doutorado - e dos Cursos de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisadora Iberoamericana pelo Programa UCS/Santander.

Resumen: Este texto tiene un carácter ensayístico, con una visión holística en asociación con el ecosistema de la favela entre callejones y calles como metáfora para presentar la proposición afirmativa de que la favela viaja. El objetivo de este texto es presentar el reverso de la trama turística, con base en la metáfora de los callejones y calles de las favelas de Río de Janeiro. En términos teóricos, esta visión se refiere al concepto de Trama Turística, de Baptista (2015) y su propuesta de Reverso del Turismo (2021), en asociación con la expresión Sapere Aude, que literalmente significa Atrévete a Conocer. Metodológicamente, trabajamos con el supuesto de un viaje investigativo, en asociación con dos estrategias metodológicas: Cartografía del Conocimiento y Matrices Rizomáticas, centrándonos en narrativas para contar aproximaciones con la investigación. Los resultados se refieren a reflexiones "atrevidas", que recorren callejones y calles, señalando aspectos complejos del Turismo, en la trama ecosistémica de las favelas de Río de Janeiro. La reflexión de los rastros de la especularidad ayuda a reconocer una Ecología de Saberes, (SANTOS, 2010) desde la episteme de la Favela como una epistemología del sur, (SANTOS; MENESES, 2010), que tiene en el Turismo el poder de (auto)transpoiesis, (BAPTISTA, 2022) de los sujetos del ecosistema.
Palabras clave: Turismo-Trama; Favela; Sapere Aude; Ecosistemas; Callejones y carriles.

No pé do morro, portal para Becos e Vielas

Aqui, deste lugar, espécie de portal para Becos e Vielas do ecossistema Favela, iniciamos o relato de algumas reflexões, em caráter ensaístico, para ‘com-versar’ sobre Turismo-Trama e o Ecossistema Favela, em uma lógica de atrevimento de saber, ou, como a expressão que dá titulo a este texto: *sapere aude*.

Vamos falar sobre Favela, mas propor o lugar, a partir de sua concepção fundamental, no caso, perceber, desde a Favela, a lógica de compreensão de existência dos termos Becos e Vielas, que constituem o ecossistema turístico desse lugar. Em outro texto (SILVA; BABPTISTA, 2022), apresentamos a ideia de que Favela é existência esquizo, que se dissipa em território de intempérie, com a intenção de produção de autopoiese, como autoprodução, ‘re_produção’ de si mesmo, estes últimos termos fundamentados em Maturana e D’avila (2015).

Neste texto, o objetivo é apresentar a compreensão sobre o que Baptista denomina de o avesso do turismo-trama, a partir dos Becos e Vielas de favelas do Rio de Janeiro. Isso implica uma abordagem do Ecossistema Turístico Comunicacional Subjetivo da Favela, baseando-nos no conceito proposto por Baptista (2021), de avesso do turismo-trama. Não se trata, portanto, de 'com-versar' sobre a maneira como o sujeito favelado é visitado, como objeto de observação turística, em roteiros de espoliação capitalística. Se trata sim, de maneira 'atrevida', apresentar potenciais traços de viagens a partir de Becos e Vielas da Favela em narrativas múltiplas e transmidiática.

A proposição é desdobramento das inquietações de um dos autores, a partir do encontro com o termo *Sapere Aude*, seguido de 'com-versações'[1] aprofundadas em orientação e com o grupo de pesquisa. O autor em questão encontrou-se com o termo a partir de uma série audiovisual chamada Merlí: *Sapere Aude* (LOZANO, 2019-2022). Essa série conta a história de um professor não ortodoxo, que provoca seus alunos, no sentido do atrevimento e olhar critico, pensado sobre fenômenos do universo. O encontro com essa série é simbólico, pois provocou também o pesquisador autor deste texto, que se sentiu mobilizado para o movimento, que gerou o ingresso no percurso do doutorado.

Estabeleceu-se, assim, uma trama de provocações recursivas, entre os autores, com expressão que segue ecoando: *Sapere Aude*, Atreva-te a Conhecer. A tese em questão foi desenvolvida, epistemologicamente, também a partir de mergulhos na proposição *Sapere Aude,* em profundidade. A partir dessa incursão reflexiva, produzimos um texto que resgata o termo, desde sua utilização por Kant (1985), no final do século XVIII, como lema do Iluminismo. Ao tentar aprofundar, no entanto, descobrimos que Kant (1985) se inspirou no filósofo epicurista Horacio Flaco, e que as intenções do termo, originalmente, remetiam não à razão, como constituição do pensamento critico e iluminado no mundo. Na primeira utilização do termo, a provocação correspondia a atender à necessidade de por-se em movimento enquanto sujeito, e não aceitar, passivamente, tudo aquilo com o que se tem contato. No caso, convidava a se atrever a pensar.

Com base nessa 'com-versação', colocamo-nos a pensar o termo em associação com o Turismo, refletindo sobre as bases conceituais do universo turístico e nos movimentando em direção ao atrevimento de conceitos basilares da área, que podem

contribuir para ampliação de sentido e percepção sobre o Turismo, desde as viagens como fundamento de processos de desterritorialização. Reconhecemos atrevimento na proposição de Avesso do Turismo-Trama (Baptista, 2015; 2021), como forma de contemplar o Turismo para além da fachada objetiva da área. Trata-se do lugar onde se percebe, desde a subjetividade esquizoanalítica, os nós de uma trama, o emaranhado do Turismo mais profundo, para além do que objetivamente se convencionou tratar como Turismo. Segundo a autora, a noção 'trama' remete à complexidade de fluxos e elementos intervenientes e transversais, na composição do ecossistema turístico, enquanto a noção de 'avesso' recomenda olhar a trama na sua plena complexidade: "ali onde estão os nós e os fios soltos, a costura complexa e completa do que realmente dá suporte e segura a existência, no caso, do Turismo".

Vale dizer que reconhecemos a importância conceitual e epistemológica dos abordagens relacionadas ao Turismo, na deriva histórica, segundo lógica administrativa, mecanicista e cartesiana. Reconhecemos o valor, como história do universo de estudo e de produção de Ciência, alinhada aos diversos momentos de desenvolvimento das práticas turísticas, estas por sua vez, desenvolvidas em grande parte acoplada com lógicas predominantes capitalísticas. Apesar disso, de reconhecer essa importância, entendemos também limitações e propomo-nos pensar em sentido de atrevimento, que evidencia a necessidade de perceber o Turismo em sentido ecossistêmico complexo.

Desse modo, pensamos o Turismo a partir do conceito de Ecossistema Turístico Comunicacional Subjetivo (BAPTISTA, 2020), o que pode levar à percepção do Turismo acontecendo desde suas tramas do avesso, em transversalização ecossistêmica. Acreditamos que isso pode ser fator de percepção da brotação de (auto)transpoiese (BAPTISTA, 2022). A ideia é, como descrito pela autora, que o Turismo percebido desde seu fator ecossistêmico, da trama do avesso, contribui para perceber os atravessamentos entre ecossistemas que possibilitam a reconstrução de si mesmo, a poiese de si.

Com essa perspectiva, decidimos realizar aproximações investigativas com o Ecossistema Turístico Comunicacional Subjetivo da Favela. Para tanto, pautamo-nos pelas estratégias metodológicas Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, de Baptista, atualizadas por Baptista e Eme (2023). Essas estratégias possibilitam aproximações com o universo de pesquisa, como dinâmica do processo de descoberta,

que orienta o próprio caminhar pelas trilhas, no nosso caso, os Becos e Vielas das viagens investigativas. Assim, Bacos e Vielas aqui, constituem sentido metafórico em ensaio, a partir da proposição de movimentos do Desejo em Deleuze e Guattari (2004), sendo nesse caso, Beco, movimento de parada e reflexão, Vislumbre, movimento de busca por possibilidades e Vielas, movimento de fruição e continuidade.

Desse modo, apresentamos aspectos do ecossistema turístico dos Becos e Vielas da Favela, como condição de encontro e aprendizado sobre como olhar, atrevidamente, para o Turismo, para a vida e para a vivência. O texto inspira-se em recursos de narrativas sensíveis, em uma lógica de religação de saberes, recorrendo a traços especulares de músicas, como espelhamento dos sujeitos da Favela (BAPTISTA, 1996). Encontramos na música, a *poiese* da Favela, que conta e canta os Becos e Vielas. Trazemos trechos de música e reflexão, com os links das músicas na íntegra, como forma de contar e também de proporcionar que os leitores transitem pelos Becos e vislumbrem Vielas a partir deste relato de pesquisa.

Beco: *Sapere Aude* a favor de um Turismo atrevido

Sapere Aude, Turismo e Favela. A combinação, em si, já pode soar como atrevimento. Assim, retomamos *Sapere Aude,* como condição inerente a nós mesmos e aos nossos fazeres com ousadia, coragem e potência de podermos nos declarar atrevidos. Em certo sentido, fazer Ciência no cenário contemporâneo já remete à condição de atrevimento. Nesse sentido específico, o texto decorre da percepção do viver a Favela, em seu sentido existencial e conceitual, relacionado à forma como já escrevemos há algum tempo, de vivência em território de intempérie. Este é o significado literal do termo e a condição que nos leva a perceber uma potência de invenção, de autoprodução – autopoiese – no universo da Favela, em meio à dureza e complexidade de transversalidades, que se opõem à própria possibilidade de existir, 're-existir', 'sobre-viver'. Assim, o termo demarca força, ao trazer, em si mesmo, a potência de sobreviver em território de intempérie. Em síntese, usando uma expressão coloquial contemporânea, quando falamos favela, neste texto, "é sobre isso" que estamos falando, especialmente: universo marcado pela potência de sobrevivência em território marcado por condição de intempérie.

No que diz respeito ao Turismo, propomos o olhar para o universo do Turismo em alinhamento com a Ecologia profunda de Arne Naess, apresentado por Capra (1991) e uma Ecologia de Saberes de Santos (2010). A decisão de esclarecer o entendimento de Turismo busca ampliar a compreensão possível, a respeito de produção de narrativas 'com-versadas' como olhares atrevidos, avessos ao que normalmente se convencionou considerar o Turismo. Em pauta, portanto, a apresentação de lentes a partir das quais são produzidas as reflexões e os atrevimentos de busca de conhecimento. Essa visão, Ecossistêmica, Complexa e Subjetiva, é possível compreendendo as importantes contribuições, na deriva histórica, do desenvolvimento do Turismo e os estudos sobre esse Fenômeno. Por conta disso, apresentamos elementos dessa deriva, compreendendo que o que pensamos é resultado de um enovelado de acontecimentos sucessivos, em termos práticos e teórico-conceituais.

O Turismo tem sido abordado, com frequência, ainda, a partir de um conceito relacionado à lógica capitalística. Esse conceito é apresentado por Ribeiro (2021), como um dos primeiros conceitos trabalhados pelo Órgão Mundial de Turismo (OMT), e está estritamente vinculado à produção de gastos, em espaço geograficamente fisico e definido. É perceptível que esse conceito e seus desdobramentos, desconsideraram o viés da subjetividade. Essa ideia é sintetizada por Boyer (2003), quando o autor apresenta a história do turismo de massa, demonstrando como o mesmo não levou em consideração aspectos e fatores subjetivos próprios ao acontecimento do Turismo. Historicamente, a lógica foi a de fortalecer e potencializar a vinculação do turismo com um viés financeiro principalmente.(BOYER, 2003)

Nessa lógica, evidenciam-se marcas do que se convencionou chamar de Turismo de Massa. A massa do turismo está alinhada, paralelamente, com as próprias constituições de uma sociedade voltada ao capitalismo, em sua essência, de negação do sujeito e priorização do capital. A homogeneização massificante das primeiras fases industriais reforça, em paralelo, a idolatria ao mercado, à tecnologia, para, supostamente, gerar o progresso e a produção. Febre desenvolvimentista que transversaliza muitos universos, mas aqui destacamos especialmente o Ecossistema Turístico-Comunicacional-Subjetivo. Febre que se transforma em pandemias, graças à consolidação do neoliberalismo, em seu sentido mais prejudicial e extrativista. O

processo de produção serviu à manutenção do mercado, com narrativa recursiva no sentido de que o mercado precisa sobreviver, em princípio, para que todo 'o resto 'em relação ao Turismo possa existir.

Esse sentido faz com que a percepção sobre o '*trade*' do Turismo se supervalorize em detrimento da comunidade local, dos lugares do Turismo e dos trabalhadores que orientam cultura e hospitalidade na área. Além disso, essa lógica massificada infligida ao Turismo, reorienta as segmentações e produções do Turismo com maior relevância ao que traz direta ou indiretamente retornos financeiros. As produções e percepções subjetivas sobre os fazeres do Turismo são normalmente desconsideradas ou desvalorizadas. A nossa concepção é que isso é prejudicial, visto que, em princípio, essa subjetividade já é fator de brotação de desejo pela viagem.

Mesmo pensando aspectos como a sustentabilidade ou a importância da comunidade autóctone, como na Sociologia do Turismo de Krippendorf (2004), quase sempre o discurso não condiciona a prática, e essa prática permanece sendo realizada para que haja manutenção do mercado. Em síntese: historicamente, o desenvolvimento pautado pelo econômico-financeiro da atividade está predisposto nos conceitos do Turismo e derivados desse primeiro processo. O conceito Turismo se cristaliza, transversalizado com o Liberalismo, e o sentido do mesmo voltado estritamente para o acúmulo de capital financeiro.

O atrevimento aqui proposto é pensar como a provocação '*Sapere Aude'* pode contribuir para a abordagem conceitual do Turismo, levando em consideração subjetividades e complexidades desse universo. Kant (1985) justificou escolheu o tema por perceber a passividade dos sujeitos da época sobre as percepções de mundo, não refletidas e facilmente aceitas. Na época, *Sapere Aude* foi apresentado como atrevimento em refletir criticamente os aspectos percebidos naquele tempo, em quem emoção prevalecia sobre a razão. A argumentação Kantiana é de que seria necessário o processo de pensamento critico, como iluminação sobre os fenômenos do universo, de modo que a razão prevalecesse sobre a emoção. Era esse o atrevimento cristalizado, no lema inicialmente, do que se depreendem transformações dos sentidos, ao longo da história e no percurso das transformações mais amplas, ecossistêmicas. Queremos dizer: o convite ao atrevimento no conhecimento também vem se transformando.

A inspiração de Kant (1985) veio dos contos de Horacio Flaco, poeta grego epicurista, que descreveu a expressão como a inquietação necessária para a reflexão, não somente para a razão sobrepondo à emoção. Horacio apresentou o termo como necessidade de se manter em constante atenção e movimento. Assim, tratava-se de não aceitar passivamente os aspectos postos e já aceitos.

De outro modo, propomos *Sapere Aude* como o atrevimento de pensar e sentir, amorosamente, no sentido de ética da relação, evidenciando a percepção da importância da emoção inclusive para as reflexões racionais. Como ensinou Maturana (1988): o racional do humano surge de uma constituição emocional do sujeito, o fundamento da razão do humano está no emocional, vinculado ao linguajar. Nos anos finais de vida, o cientista reafirmou o caráter biológico amoroso do ser humano, argumentando que o homem é um ser amoroso em sua essência molecular celular. (MATURANA; D'AVILA, 2015).

Quando aplicamos essa compreensão ao Turismo, de resgate da subjetividade trama, encontramos em Moesch (2002), um princípio de mudança de referência sobre o pensamento do Turismo. A autora propõe o Turismo com um fenômeno marcado pelo binômio objetividade e subjetividade, que demanda olhar aprofundado para fatores que não se restringem às possibilidades atuais de racionalidade irrestrita.

Percebemos, então, que os fatores importantes para a existência da atividade se ampliam, em uma trama de inter ligações que são avessas a essa fachada, com a qual se convencionou objetivamente a pensar o Turismo. Essa possibilidade aproxima e inclui a própria compreensão do Turismo, a partir de uma intenção em conhecer, lugares e sujeitos – considerados aqui não apenas como sujeitos humanos, mas numa lógica multiespécie, já que o Turismo envolve, se relaciona e produz (auto)transpoiese para todos os seres, considerados em lógica ecossistêmica. É o que se expressa nas proposições de Baptista (2018), Turismo-Trama (2015) e Avesso do Turismo (2021). O atrevimento em pensar o Turismo aparece aqui como perceber que há uma trama complexa de fluxos, sujeitos, substâncias e matérias, singular em cada um dos ecossistemas turísticos, ao mesmo tempo que transversalizada com outras tramas. Vale dizer que essa trama tem, tradicionalmente, sido apresentada teoricamente em sua 'complexidade fachada', já com múltiplos fatores intervenientes, muitas vezes, de forma pautada por segmentações. Para a autora, no avesso do

Turismo, a trama precisa ser compreendida, como num verso de uma costura, ali onde se percebe a trama toda, com os nós e entrelaços, que seguram 'o ponto' da frente, da fachada, no caso, da fachada do Turismo.

Mais do que tudo, essa percepção representa o atrevimento necessário para aqueles que querem e percebem o Turismo a partir de sujeitos desse ecossistema, sujeito social e cultural, sujeito ambiental, para além daqueles detentores dos direitos cedidos pelo capital desse sistema. Esse ideia se diferencia e distancia do primeiro conceito de Turismo apresentado aqui, em que o sujeito compõe uma massa do que pode ou não ser considerado Turismo ou mesmo fazer do Turismo.

A transição conceitual dessa representação significa, segundo Moesch (2013), a percepção necessária para que se encerre no Turismo discussões que têm, desde seu cunho cientifico, sido reducionistas e alheias às fundações dessa constituição conceitual sólida. Junto ao professor Beni (MOESCH; BENI, 2017), a autora propõe o conceito de ecossistema turístico, que percebe e justifica a existência e necessidade dos aspectos subjetivos do Turismo que Moesch ja sinalizava em 2002.

O conceito de Ecossistema Comunicacional-Subjetivo-Turístico, de Baptista (2020), no entanto, sinaliza para a visão ecossistêmica, complexa em viés holístico (CREMA, 1989), trabalhado com ênfase neste texto. O fator comunicacional alinhado ao subjetivo apresenta síntese de aspectos transversais do desenvolvimento do Turismo, que remetem à abordagem a uma espécie de grau zero – o sentido estrito - de significação do mesmo em sua origem, que apresenta os acontecimentos do Avesso do Turismo já como Turismo. Essa visão justifica que o que entendemos como Turismo precisa ser pensado, muito antes dos movimentos previstos na construção conceitual proposta pela OMT (RIBEIRO, 2021).

Desse modo, acreditamos que já é hora de sair do 'Beco: *Sapere Aude* a favor de um Turismo atrevido', tendo apresentado as ideias-síntese de uma proposição epistemológica para repensar o Turismo, desde o seu avesso de trama turística, como Turismo-Trama. Para avançar, entendemos ser interessante compartilhar um pouco do movimento que resulta dos encontros, em 'com-versações', o que pode ser feito a partir da produção de narrativas. Nesse sentido, esse texto apresenta narrativas, a partir de olhares sobre os saberes pessoais presentes nos Becos e Vielas da Favela.

Vislumbre: Estratégias metodológicas

Para alcançar os objetivos desse texto, a proposta metodológica tem orientação de cunho qualitativo. A proposta prevê o relato parcial de um estudo, com produção de caráter ensaísta, cujo o principal ponto é composto por aproximações teóricas, orientadas pelas percepções empíricas de um dos autores, refletidas e amadurecidas em 'com-versações' entre os autores, para verificação das marcas de subjetividades em traços especulares de percepção sobre Becos e Vielas.

Desse modo, a trama de caminhos metodológicos que orienta esta pesquisa segue delineamentos da Estratégia Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014, 2020a), em cinco grandes trilhas investigativas. Trata-se de estratégia processual, plurimetodológica que orienta do pesquisador do percurso da viagem investigativa, em suas buscas, que, posteriormente é associada a outra estratégia, de construção de pesquisa sistematizada a partir das matrizes rizomáticas, tendo-as como controle do equilíbrio fluente da pesquisa. A estratégia metodológica é pertinente, neste caso, visto que as trilhas previstas pela Cartografia, alinham o caminhar pela investigação, com o caminhar pelos Becos e Vielas. Percebemos que a Trilha de Saberes Pessoais e a Dimensão Intuitiva da Pesquisa, duas das trilhas da estratégia metodológica, permitem as descobertas da viagem investigativa como caminho que acompanha a mutação intrínseca ao longo da vivência da pesquisa. A própria autora salienta para a "potência de criar uma sistematização, sem aprisionamento" da cartografia.

> Assim não existe 'um único caminho, mas o que eu denomino de 'trama de trilhas' e possibilidades a serem acionadas. São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando. Essa composição implica em mergulho no objeto/ fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa. (BAPTISTA, 2014 p. 344)

O que se pretende não é alterar as lógicas de pesquisas já consolidadas, mas, sim, permitir que essas sejam experimentadas em processo de descobertas diferenciados e, consequentemente, de construções inovadoras sobre as próprias perspectivas já clássicas no campo da pesquisa cientifica.

Sendo assim, isso não significa o abandono dos conhecimentos metodológicos consolidados, mas, ao contrário, implica a sua consideração abrangente para a realização de escolhas. A Cartografia de Saberes é particularmente recomendada à perspectiva da pesquisa qualitativa ou que busca a profundidade e complexidade de abordagens. (BAPTISTA, 2014; BAPTISTA; EME, 2023)

Em primeiro momento, é através da cartografia entendida como, mapeamento mutante, como proposto por (BAPTISTA, 2014; BAPTISTA; EME, 2023), mapear quais são as aproximações com produções de manifestações de viagem nos Becos e Vielas da Favela, a partir de traços especulares de espelhamento (BAPTISTA, 1996), na representação de músicas que sinalizem o acontecimento do Turismo ecossistêmico.

Como uma perspectiva, se percebe a possibilidade de aproximação coletiva das singularidades afetivas, presentes em músicas que contam a história de aproximações dos sujeitos dos Becos e Vielas e suas representações.

O que se espera é que a proposta gere, nesse momento, pistas investigativas e, com elas, as possibilidade da existência de mudanças de caminho, priorizando a descoberta, e não só a produção de resultados. Nesse sentindo, a intencionalidade é a de perceber que falamos a partir da Favela sobre Becos e Vielas, mas também nos conscientizar de que a descoberta dessa metáfora - Becos e Vielas - não se restringe à Favela. Do mesmo modo, as representações singulares não se restringem aos sujeitos favelados, e podem contribuir para a própria ampliação da percepção atrevida sobre o Turismo.

O que vem sendo discutido e apresentado resulta do processo de aproximação, em cartografia de reflexões, sistematizada teoricamente, tendo como orientação, a percepção do caminho mutante, que se faz no processo de viagem Investigativa (BAPTISTA, 2014, 2020, 2022). Tivemos, como prática desta pesquisa, a orientação o caminho trilhado até então, entendendo que os pressupostos teóricos da Cartografia dos Saberes, bem como a vivência de campo, com registros múltiplos, sem preconceitos com procedência de informações, entrelaçam-se em uma trama recursiva, que, ela mesma, também se faz trama, com avessos e fachadas. Expressa-se, assim, claramente, a composição de viagem investigativa sinalizada por Baptista. Muitas fontes e dispositivos contribuíram para a escrita deste texto, como descobertas de sinalizadores sobre singularidades do ecossistema dos Becos e Vielas,

para posteriores processos de percepção desse espaço, como lugar (YAZIGI, 2001). Entendemos, nesse sentido, que há potência de brotação nas constituições de percepção desse lugar, a partir de reflexões desde o Turismo alinhado com o atrevimento do *Sapere Aude*. Há potência na cartografia de músicas da Favela.

Viela: O ecossistema dos Becos e Vielas – Favela

Respiramos fundo. Enchemos o peito de ar e o coração de afetos, para seguir 'viagem en-arr-ativa' (BAPTISTA, 2022). Preparamo-nos, então, para falar do ecossistema turístico da Favela, em uma ordem de reconhecimento desse Turismo. O sentido proposto pelas reflexões prévias é o de orientação de uma mudança paradigmática na própria percepção sobre o Turismo enquanto atividade, enquanto cultura, fenômeno, universo de investigações (SILVA; BAPTISTA, 2017).

A decorrência dessas percepções é da ordem da escrita e da leitura das subjetividades ampliadas, como foi apresentado anteriormente. Essa percepção reconhece e afirma que a produção da atividade do Turismo está ligada a uma orientação voltada para a trama de atravessamentos e acoplamentos ecossistêmicos que acontecem para a existência dos fazeres envolvidos no Turismo Trama.

Importa ressaltar que esse reconhecimento, pelas características do Avesso do Turismo, está na ordem de compreensão das subjetividades no Turismo. Como orientação para estudos de subjetividade no Turismo, em relação à produção de Turismo nas Favelas do Rio de Janeiro, em 2021, propusemos o conceito de Esquizografias Turísticas. (SILVA; BAPTISTA, 2022). Esse texto apresentava, a partir da compreensão de inconsciente de Guattari e Deleuze (2004), a maneira esquizo, partida e dissipativa, com que os sujeitos da Favela inscrevem e escrevem seus movimento de desterritorialização desejante em seus ecossistemas.

Tratamos nessa ordem de caracterizar a maneira como se desenvolve a existência singular do sujeito em ecossistema turístico comunicacional subjetivo. Entendemos que, a partir do conceito, há a necessidade de perceber singularidade, e como essa singularidade se manifesta a partir dos sujeitos desse Turismo, na trama de seus saberes e fazeres. Por conta disso retomamos o conceito :

> [...] os ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos como processos complexos de desterritorializações, envolvendo o acionamento e entrelaçamentos de diferentes ecossistemas, em que o sujeito que se desloca é também sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia a movimentação e conexão de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo. Nesses processos, está envolvida e é acionada uma teia de materialidades e imaterialidades, desde as potentes tramas econômico-político-sociais-culturais e de prestação de serviços, até os subjacentes fluxos de energias, das micropartículas, de acionamento quântico, que atingem também os níveis de afetos. Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas. (BAPTISTa, 2020 p. 6)

O ecossistema da Favela inscreve-se esquizograficamente, em sentido singular de reconhecimento das transversalizações próprias do ecossistema e também dos ecossistemas adjacentes que simultaneamente o transversalizam e são transversalizados por ele. A Favela, aqui nesse texto, é tratada como produtora do Turismo em uma leitura do avesso, de reconhecimento da sua escrita esquizo como potência de (auto)transpoiese. Desse modo, entendemos contribuições importantes para o Turismo, percebendo a Favela como destino como em Moraes (2016); ou mesmo quando Freire de Medeiros (2007) em outros estudos dos anos 2000, tratou das produções do Turismo na Favela. Nossa proposição, no entanto, corresponde a pensamento um pouco distinto da apresentação da Favela como produto, considerando a Favela como produtora de Turismo, e não só pela representação da mesma em outros lugares através das visitas recebidas.

No caso desse ensaio, os pressupostos envolvem poder perceber a Favela como ecossistema transversalizado também pelas visitas que recebe, mas, principalmente, reconhecendo os movimentos, a partir de suas singularidades da produção de desejo e (auto)transpoiese dos seus sujeitos. Desse modo, no caso aqui tratado, afirmamos, em síntese: a Favela viaja e não é apenas destino.

O Ecossistema Turístico-Comunicacional-Subjetivo da Favela e de promoção de movimentos de desejo, em sua percepção, se dá a partir da desterritorialização que compõe a viagem e o encontro com o próprio Rio de Janeiro de fachada. Reconhecemos, assim, o Turismo a partir do avesso que a Favela compõe, em seus saberes e fazeres, com uma ecologia de saberes próprios, como proposto por Santos e Meneses (2010). Assim sendo, Ecossistema Favela, por vezes tratado como

comunidade, periferia, marginal, ocupação irregular, cabeça de porco, quebrada, vila etc. em muitos casos pejorativamente, se organiza e propõe a própria potência a partir dos seus fazeres e de movimentos de desterritorialização que promovem vida, a vida na Favela.

A ideia de falar de Favela e de seu ecossistema está contida, também, na escolha de como se tratar como Favela. Nesse momento, não nos propomos a discutir as terminologias, e sim a conceituar a brotação e o reconhecimento de potência que essa nomenclatura carrega. Falamos de Favela, não em desconsideração às outras denominações, mas a partir de sua matriz botânica, como trouxemos em 2022 (SILVA; BAPTISTA, 2022), como planta do nordeste brasileiro, que cresce em território de intempérie. Como explicamos no texto referido, tratamos aqui desse conceito, para tratar **Favela como o ecossistema que pressupõe, em lógica epistêmica, a necessidade e capacidade de (Auto)Transpoiese em território de intempérie para a própria existência e brotação de vida.**

Esse reconhecimento está alinhado à percepção do Sul que a Favela representa, de uma existência preterida em relação à viagem, mas que é Turismo em seu reconhecimento subjetivo. Remetemo-nos às Epistemologias do Sul, de Santos e Meneses (2010), quando versam sobre o sul não como geográfico global, mas como lemos a partir desse ecossistema, um sul preterido do Turismo em seu fundamento econômico financeiro, mas que, a partir do reconhecimento do Avesso do Turismo-Trama, é passível de viajar.

Essa viagens são a expressão da existência do sujeito favelado, que se mostra em narrativas que reconhecem o estranhamento em espaços de cotidiano, através de atividades de lazer, por exemplo, mas não somente. As múltiplas viagens por bailes do Rio de Janeiro; as combinações e estratégias para conseguir alcançar o mar, a praia; e as músicas que ecoam vozes no mundo e fazem brotar oportunidades são sinalizadores de desterritorializações desejantes. Aparecem na música, na arte, no discurso, nas múltiplas narrativas que cada uma dessas leituras é capaz de proporcionar. Com base nessas narrativas, propomo-nos a compartilhar fios de trama da vida desse ecossistema, que vem sendo cartografado. Convidamos a acessar a música completa no QRCode.

Favela
Orgulho e lazer
Estamos à vontade.
Nós somos,
Favela, orgulho e lazer
Estamos á vontade...
Somos mais você. (MC MARCINHO, 2003)

Para apresentar singularidades, valemo-nos de narrativas, pressuposto proposto como dispositivo de pesquisa por Silva e Baptista,(2022). Nesse caso, entretanto, temos a intenção de demonstrar o ecossistema, partimos das músicas como representação dessas subjetividades, em um sentido que dá reconhecimento de coletividade narrativa e possibilidade interpretativa. Isso significa que, mais do que narrativas dos sujeitos favelados, vamos contar com música, a poesia, a poiese, dos sujeitos que se sentem representados ao poder ouvir a voz de outros sujeitos, que têm na pele a composição da vivência do sujeito favelado.

Por conta disso, usamos, aqui, funks e algumas poesias acústicas escolhidas para narrar nosso ecossistema. Na poesia, representada no Rap, encontramos poiese, (auto)transpoiese como proposto por Baptista (2022), que se apresenta como poesia cantada e pode representar a poiese na vida. Esse reconhecimento fundamenta-se na Biologia Cultural de Maturana e D'avila (2015), com inspiração no conceito de autopoiese, a partir do qual Baptista (2022) propôs o conceito de (auto)transpoiese, como uma autopoiese sempre ampla e plenamente transversal, recursiva e de acoplamento do organismo com o nicho.

No ecossistema da Favela, essa (auto)transpoiese pode se dar no reconhecimento da existência do sujeito em território de intempérie, como dito, algo que está no fundamento da concepção conceitual que temos sobre o termo Favela e a escolha pela utilização do mesmo. Como é próprio desse espaço geográfico, as ocupações ocorrem de maneira irregular e não necessariamente planejada; por conta disso, o lugar adquire aspectos próprios, singulares.

Vale dizer também que, em nosso entendimento, Becos e Vielas são realidade física para sujeitos de Favela, mas, além disso, são modos que a vida encontra, como

contornos do encontro com singularidades, sinuosidades na paisagem. Às vezes muros, às vezes paredes, buracos, escadas ou telhados. Caminhos singulares se insinuam, provocam, convidam, convocam, como diz o poema de José Régio: "Vem por aqui!". Becos e vielas são possibilidades demarcadas em meio às inscrições singulares do ecossistema Favela. São marcas profundas e sempre transversais de máquinas abstratas de coexistência. Esse aspecto transcende o sentido exclusivamente geográfico. Desse modo, como sujeitos de Favela, em sentido local e ampliado – também da grande Favela País Brasil e da grande Favela Planeta Terra -, percebemos no reconhecimento desse espaço olhares levados para vida e percebemos que, a partir da intempérie, o sujeito aprende a transitar por Becos e Vielas, ao se deparar com essa geografia ou essa condição existencial. Assim, também, afirmamos: "a Favela atrevidamente ensina!". É a própria condição do atrevimento, com seres que todos os dias se atrevem a desafiar preconceitos, paradigmas, estigmas, dogmas, axiomas, modelizações.

Becos são pontos de paragem, que remetem à necessidade física e psíquica, subjetiva de parar e pensar qual a próxima ação oportuna. Assim, deparar-se com Becos, na rua e na vida, não é algo necessariamente negativo. Pode ser percebido como a oportunidade de vislumbre de oportunidade, momento de paragem que possibilita o vislumbre da Viela. As Vielas são pontos de passagem, para serem sentidos em vivência cotidiana, mas com requintes de estranhamento, e olhar atento preparado para o encontro com o próximo Beco.

Becos e Vielas têm fundamentação aqui, para nós, a partir da música de Ludmilla. A cantora apresenta sua coroação como Rainha da Favela, a partir da sua vivência em Becos e Vielas:

> O trabalho aqui é bem feito
> Respeita o serviço nego
> Não te dou uma semana
> Pedindo pra voltar [...]
> Entre becos e vielas
> Rainha da favela [...] (LUDMILLA, 2020)

Dessa música decorre o reconhecimento, traço de especularidade (Baptista, 1996) e orgulho de perceber que a Favela tem voz, e da voz da arte da Favela, em sua constituição entre Becos e Vielas, Artista, Negra, Empresária e Favelada, tem a oportunidade de se reconhecer Rainha.

Becos e Vielas correspondem a tratado de vida, de quem aprendeu a transitar em território de intempérie, e não se restringe à leitura de vida na rua, mas, sim, de vislumbre de existência a partir da (auto)transpoiese. A existência de uma poesia que se apresenta também pelo trânsito acadêmico, que analogamente aprende a reconhecer os Becos como ponto de paragem, as Vielas como ponto de Passagem, e o vislumbre que o interstício entre as duas coisas pode proporcionar em direção à poiese dos sujeitos em viagens investigativas.

Se traçarmos paralelo entre o conceito das viagens investigativas, o trânsito por Becos e Vielas, e a concepção de viagem a partir da Esquizoanálise, como Desterritorialização/Simulação/Reterritorialização, podemos perceber a subjetividade com um olhar ainda mais potente. Destacamos, nesse sentido, que O Beco oportuniza Desterritorialização, o vislumbre como movimento de Simulação, e a Reterritorialização como o momento de sentir a vivência do trânsito pela Viela. (Deleuze; Guattari, 2004)

Becos e Vielas são a percepção dos nós de confluência, os nós de passagem, analogia de pesquisa, visão de vida. Nesse caso, é metáfora de viagem que se amarra de maneira especular em narrativas, em músicas. Trazemos aqui essas músicas, para poder demonstrar movimentos dessa viagem entre Becos e Vielas.



Que ficava comigo no beco, hoje nós tá contando dinheiro
De marola no Rio de Janeiro, eu e ela é o casal do gueto [...]
Disse pras amigas que quer ser feliz
Levei de rolezin' de PCX lá no CPX [...]
Só quer dar pros cria' (Só quer dar pros cria')
Que faz poesia, que faz poesia [...]
Amo ser bem-vindo, quando 'cê tá saindo
É a parte que dói, levo esse amor contigo
Pra Realengo, amor, levo o Xamã contigo
Cerveja no isopor, churrasco de domingo

> Mas Bangu tá mó calor, BH, sempre bem-vindo
> [...] (CABELINHO et. al. 2022)

Nós, autores deste texto, reconhecemos nossa existência entre Becos e Vielas, pois, esta é também a nossa condição de existência, ainda que não estejamos na mesma condição geográfica. Percebemos nossos encontros e possibilidades de brotação do desejo a partir dessa perspectiva. Esse sentido é natural para o sujeito que tem subjetividade constituída nessa realidade. Por conta disso, percepções de fazeres e saberes estão alinhadas com um insconsciente que é esquizo, partido e dissipativo.

Sendo assim, ao ouvir a música completa, percebemos a colagem de realidades apresentadas por cada um dos artistas que cantam, na constituição de trama poiética, que demonstra também a constituição complexa dos sujeitos entrelaçados. Nessa mesma colagem, temos o sentido de ser feliz, de rolê nos Becos do Rio de Janeiro. "Conto dinheiro, e dou rolezim de PCX (uma moto), lá no CPX (gíria reconhecida de complexo)". Fazer poesia é ser poesia, se sentir poesia e destaque na Favela, que também inventa linguagem própria. O destaque conta que elas querem os cria (sujeitos naturais da Favela), que fazem poesia.

Espalhar amor, levar amor é levar a si e ser bem-vindo, bem-recebido, com respeito naquilo que é precioso da simplicidade de quem aprendeu a andar e a viajar por Becos e Vielas. Em Realengo, bairro do Rio de Janeiro, ao lado de Bangu, bairro por vezes muito quente no Rio, a possibilidade de encontro que demanda movimento, viagem, desterritorialização, se constitui na cerveja no isopor e o churrasco de domingo. O sujeito da Favela percebe que, para viajar, tem que saber se deparar com os Becos, e aprender a vislumbrar Vielas. A composição capitalística do Turismo não permite que o sujeito viaje, mas esse sujeito está acostumado a encontrar esses Becos, lidar com esses Becos e encontrar (e construir!) Vielas.

Na hora de descer o morro...

O sujeito da Favela atreve-se por existência, atreve-se por (auto)transpoiese, atreve-se por filosofia e também por falta de opção, em luta pelo bem maior, a condição de vida. Isso não diz respeito ao que contamos para Favela, mas ao que a Favela pode contar para nós. Um dos sujeitos autores do texto, sujeito Favelado, ao

estar em Beco Acadêmico, distante da academia, em um dado momento da vida, encontrou em uma série audiovisual, Merli Sapere Aude (LOZANO, 2019-2022), o vislumbre de uma Viela . A inspiração temática levou-o a refletir sobre atrevimento, também a 'com-versar' em orientação sobre o assunto. O atrevimento da Favela, que, por vezes, ela nem mesmo nota que tem, faz com que mostra-se exuberante em muitos momento, a Favela sabe que é atrevida, assim como nos atrevemos, aqui, a trazer a Favela para a Academia, para aprender com os Becos e as Vielas da Favela.

Diferentemente do Iluminismo de Kant (1985), assumimos a composição da razão com a emoção, como algo que aprendemos também com a Favela e que trazemos da Favela para falar de Turismo. Isso é necessidade para um sujeito favelado, que precisa reconhecer o próprio ecossistema nos fazeres por onde transita, também no Doutorado, lembrando que Becos e Vielas, em sentido ampliado, não são restritos aos espaços geográficos de Sul das grandes Cidades. (Santos, 2002). Perceber ausências é algo natural para quem vive em território de intempérie.

> [...]Nunca deram nada pra nóis, né, minha filha?
> Se aceite, somos perfeitos, um foda-se ao padrão
> Nossos corpos são muito mais do que mercadoria
> [...]Mas o som é sobre amor, tá doida? (Tá doida?)[...]
> Mas tá difícil sorrir
> Nesse mundo doente, com tanta gente louca
>
> E eu quero que as pessoas me entendam
> Quero que os porteiros me atendam
> Ou melhor, que as portas se abram
> E meus irmãos nunca se vendam
> Aceitei meus anjos e demônios
> Fiz um mix, deu nisso, tá vendo, ó?
> [...]Apenas faça
> Tu pode não ter talento, mas raça é obrigação[...]
> Eu te proponho o genial
> [...]Evolução? Sim, eu sei
> Se eles se acham rei, virei patrimônio imaterial
> Estilo original, FR
> Supere, na pele[...]
> O mundo quer ver seu nível baixar, eleve [...] (FILIPE RET, et. al. 2020)

Fizemos “um mix deu nisso”. Um mix de músicas com traço de especularidade em trama de desejos de espelhamento (BAPTISTA, 1996). Especularidade narrativa que demonstra o sentido do que sentimos, do que contamos, do Ecossistema de Becos e Vielas que é constatado esquizograficamente em algumas músicas da poiese da Favela.

“Não somos perfeitos”, o destaque na música apresenta. Não se trata disso, trata-se de reconhecer com orgulho os “anjos e demônios”, não como algo bom ou ruim, mas sim com a percepção de se fazer ser, saber, reconhecer, vencer. “Deixar-se aparecer”, como ensina Maturana e D’Ávila (2015). Favela, Cultura e Lazer, de traços de viagem que são vozes que ecoam, “só quero que os porteiros me atendam e que meus irmãos nunca se rendam”. Trata-se também de querer e poder ser visto, como Favela, e não travestido de ‘coisas’ que não somos. Queremos nos representar e não só ser representados, queremos poder entrar.

Falamos de Favela, para ver reconhecidos nossos fazeres, nossas viagens. Falamos de Favela para demonstrar que sobre viagem, temos mundo a contar, de uma trama bem mais profunda do que até então vem sendo percebida e tratada. Então vem de “rolezim pelo CPX”, o “complexo” de subjetividades que compõem o avesso da Favela.

“Te proponho algo genial”. Propomos “imaterialidade”, produção de pensamento e percepção em estilo original que levamos na pele. O mundo quer ver nosso “nível baixar”, vamos elevar, se atreva, perceba. Não se trata só de talento e sim de raça, não no sentido cultural, no sentido do linguajar, esforço em viajar, em se por em movimento.

“Mas o som é sobre amor tá doida?”. Não se trata de guerra ou narrativa bélica, e sim de reconhecer saberes e fazeres. Esse reconhecimento pode proporcionar notar que o atrevimento da Favela está em relacionar e conseguir perceber emoção e razão, a partir do reconhecimento do possível da intempérie imposta aos sujeitos da Favela. Falamos sobre amor, não com a ideia de romantizar a Favela, mas com o sentido trazido por Baptista et. al. (2020b), a partir da biologia cultural de Humberto Maturana, Ética na Relação, o reconhecimento do outro como legitimo outro em convivência. Esse atrevimento alinha-se com nossa compreensão do *Sapere Aude* presente no ecossistema que apresentamos. Nessa apresentação, o atrevimento está em exaltar esse amor, em falar de amor, em perceber os saberes que amar compõem.

[...] Agora é hora de exaltar o amor, ser se quiser ser
Não importa o que esteja por vir, acredite em você
E mesmo que mantenham o olho gordo
E que ninguém queira te ver vencer



Esteja sempre em paz, tipo um céu azul
Eu tô sempre em paz, quero sempre mais
Quero sempre mais, eu tô sempre [...]
[...]O nosso amor a gente inventa
Finalidade era romance anos 80
Mas te encontrei no festival
Tocou 150, ritmo agressivo, baile de favela [...]
Um belo dia eu sonhei ter uma vida bela
Hoje eu ando de moto pela viela
Sucessada com as gata[...]. (HARIEL, et. al. 2019)

Falamos sobre nos 're-descobrir', exaltar o amor em todos os seus sentidos e, a partir da poesia de si mesmo, poder sentir o que está por vir, com as vielas da vida acreditando em si mesmas. Querendo ou não, como diz a canção, a Favela venceu. Venceu, não em relação aos detentores de poder, mas em perceber as próprias brotações. Falamos também da 'Favela Brasil', da 'Favela Ciência'!

A Favela é Sul, não sul global, pois nem todas as Favelas ficam à margem, ao menos não no caso do Rio de Janeiro, mas é Sul preterido em relação aos saberes dos detentores do capital. Santos e Meneses (2010) propõem a necessidade de perceber esse sul, não só o geográfico, os saberes e fazeres de quem aprendeu e pode ensinar a existir nesses territórios, no caso da Favela, em territórios de intempérie.

Para Favela, "ser quem quiser ser", é poder estar "sempre em paz", como um "céu azul". Azul de saberes de quem aprendeu a voar por necessidade, em uma Educação de trânsito de vida, com a descrita por Alves (2010), em relação à Educação que é asa e Educação que é gaiola. "O nosso amor a gente inventa", atrevido, em 150 batidas por minuto, acelerado. Amor de Baile, que também é "amor anos 80", calmo, de tentativas de uma vida bela, dentro do possível. Assim transitamos no encontro de Becos e Vielas, sonhando em ter uma vida bela, sucesso, "Sucessada" nos estudos do Turismo.

Referências

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica.** Campina: Papirus Editoria, 2002.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Matrizes rizomáticas: proposição de sinalizadores para a pesquisa em turismo. *In*: VIII Seminario de pesquisa em Turismo do Mercosul - Semintur. **Anais eletrônicos** [...]. Caxias do Sul: Semintur, 2015. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/roda_epistemologia_educacao.pdf#page=14 . Acesso em: 6 fev. 2025

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação:** trama de desejos e espelhos: os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: Editora da ULBRA, 1996.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. O Avesso do Turismo como proposição de Sinalizadores para o Futuro: Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, v. 9, n. 3, p. 258-271, 2021.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. 'Stamos em Pleno Mar'! Reflexões sobre tempos de pandemia Covid-19, considerando a trama de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território** , *[S. l.]*, v. 8, n. 15, p. 7–22, 2020. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/32698. Acesso em: 23 fev. 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. (Auto)Transpoiese em Narrativas de Viagens. *In:* SOSTER, Demétrio de Azeredo; PASSOS, Mateus Yuri (org.). **Narrativas de Viagem 2/Travel Narratives 2**: Percursos que transformam. Santa Cruz do Sul: Catarse editora. 2022.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, n. 3, p. 342-355, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547041003.pdf Acesso em: 6 fev. 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. "Amar la trama más que el desenlace!": reflexões sobre as proposições trama ecossistêmica da ciência, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas, na pesquisa em turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 8, n. 1, p. 41-64, 2020a. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/18989. Acesso em: 6 fev. 2024

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; DE MELO, Camila Carvalho; BERNARDO, Jóice dos Santos; PICININI, Rudinei; SANDI, Simone Maria; SANTOS, José Almeida; HAMMES, Carlos Eduardo Haas; DANNENHAUER, Karen; EME, Jennifer Bauer. Por um Mundo Mais Amoroso e Autopoiético! Reflexões Amorcomtur! Durante a Pandemia Covid 19 / For a More Loving and Autopoietic World! Reflections Amorcomtur! during Pandemic Covid-19. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, [S. l.], v. 12, 2020b. Disponível em:

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8690. Acesso em: 2 jul. 2025.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale.; EME, Jennifer Bauer. Estratégias de 'sobre-vivência' metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023042, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.18206. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18206. Acesso em: 22 fev. 2024.

BENI, Mario Carlos; MOESCH, Marutscka. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. **Turismo: Visão e Ação**, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017. Disponível em: https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/11662. Acesso em: 22 fev. 2024.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru: Edusc, 2003

CABELINHO MC; ORUAM; CHEFIN; TZ DA CORONEL; LUÍZA SONZA; XAMÃ; CHRIS MC; L7NNON; SALVE MALAK; N.I.N.A; SALVE MALAK; PINNEAPPLE SROTM TV. **Poesia Acústica #13**. Pineapple StormTv, 2022.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1991.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

FELIPE RET; L7NNON; XAMÃ; DJONGA; LOUREANA; CHRIS MC; CESAR MC; SALVE MALAK; PINEAPPLE STORM TV; HUNTER. **Poesia Acústica #9: Melhor forma**. Pinneaple storm tv, 2020. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/2fmeSswdyVq4wcqhY41UHk?autoplay=true. Acesso em: 6 fev. 2024.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 22, p. 61-72, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/CN48WqwT3pmRD5XhtYGD7Lf/. Acesso em: 07 fev. 2024.

HARIEL; MATUÊ; DUCON; PINNEAPLE STORM TV; SALVE MALAK, DK47; KEVIN O CHRIS, VITÃO, CHRIS MC, NEGRA LI. **Poesia Acústica #7: Céu Azul**. Pinneaple storm tv, 2019. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/2FGhB10Gon36GgFcOTMQEW. Acesso em: 6 fev. 2024.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento. *In*: KANT, Immanuel. **Textos seletos**, p. 100-16. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2004.

LUDMILLA. Rainha da favela. 2020. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/3vu864xi5Xis9VfOsJpmXu?autoplay=true. Acesso em: 6 fev. 2024.

MC MARCINHO. **Favela**. Rio de Janeiro: Furacão 2000, 2003. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/2uGBCkhv7p3NL8OvT875r2 . Acesso em: 6 fev. 2024.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto; D'ÁVILA, Ximena. **El árbol del vivir**. Santiago: MVP editores , 2015.

MERLÍ: Sapere aude. Criador: Héctor Lozano. Produtor: Alberto Álvarez. Diretor: Menna Fité. Moviestar+, 2019-2022.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2. ed . São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka. O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território** , [S. l.], v. 1, n. 1, 2013. DOI: 10.26512/revistacenario.v1i1.15206. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/15206. Acesso em: 2 jul. 2025.

MORAES, Camila. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 2, p. 65-93, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/6497/649770040004/649770040004.pdf Acesso em: 07 fev. 2024.

RIBEIRO, Helena Charko. **Turismo e saúde: sinalizadores turísticos de Porto Alegre, relatados pelos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e seus acompanhantes, em processos de deslocamento.** 2019. 222 f. Tese (Doutorado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In*: SANTOS, B. S.; PAULA, M. M. (org.). **Epistemologias do sul**.[S. l.]: Cortez Editora, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, [*Online*], v.1 n. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: https://journals.openedition.org/rccs/1285 Acesso em: 6 fev. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do sul**.[*S. l.*]: Cortez Editora, 2010.

SILVA, Renan de Lima; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Esquizografias turísticas e Cartografia dos Saberes: Reflexões epistemológico-teóricas sobre pesquisa e ecossistemas turísticos. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território** , *[S. l.]*, v. 10, n. 1, p. 45–56, 2022. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/40824. Acesso em: 20 fev. 2024. DOI: 10.26512/revcenario.v10i1.40824

SILVA, Renan de Lima; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Turismo nas praias do Farol: o olhar da comunidade sobres as práticas de hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 01–24, 2017. Disponível em:

https://revhosp.emnuvens.com.br/hospitalidade/article/view/692. Acesso em: 25 mar. 2024.

YÁZIGI, Eduardo Abdo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. 2001.

1 O termo corresponde ao sentido de ações realizadas conjuntamente, marcadas por transversalidades múltiplas, proposto por Baptista, inspirada no conceito de conversa de Humberto Maturana (2015), como Ontologia do Conversar, e em pressupostos esquizoanalíticos.

Recebido em Julho de 2025
Aprovado em Agosto de 2025